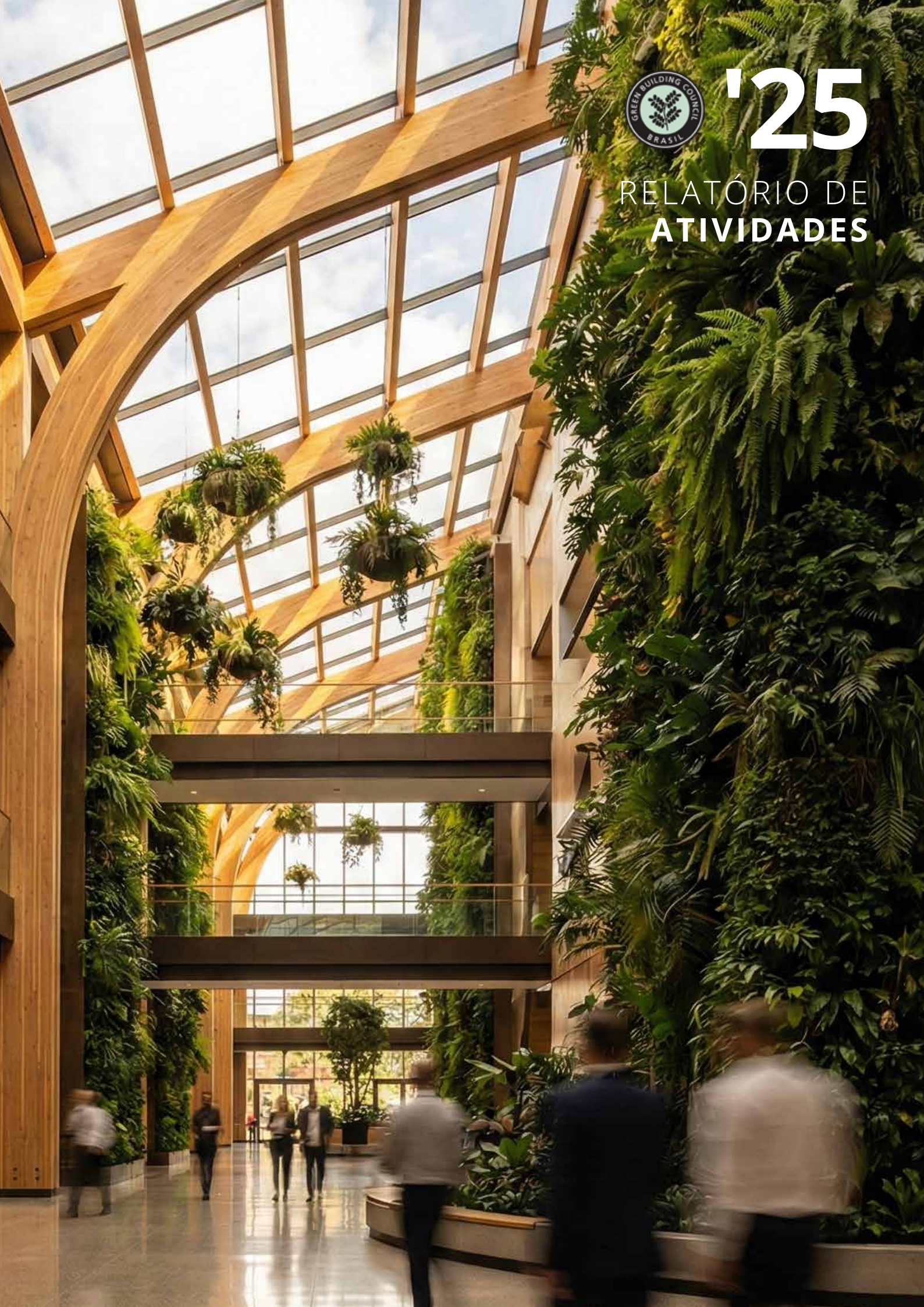




'25

RELATÓRIO DE ATIVIDADES





AGE360, GBC CONDOMÍNIO 2025

Incorporadora: AG7 | Foto: Eduardo Macarios



SUMÁRIO

INSTITUCIONAL

Carta do CEO	4
Carta do Presidente	5
Conselho Administrativo	6
Estrutura Executiva 2024	7

CERTIFICAÇÕES

Certificações em 2025	09
LEED	10
GBC Casa & Condomínio	14
GBC LIFE	18
GBC Zero Energy	20

EVENTOS

Campanha Pré-COP	22
Greenbuilding Brasil 2025	28
COP30	32
Eventos em 2025	34

GUIA DE BENEFÍCIOS

36

NOVOS MEMBROS

39

CARTA DO CEO



Através da técnica, geramos valor, reduzimos os riscos e transformamos o mercado.

Em detrimento da realização da COP30, em Belém do Pará, decidimos explorar as pautas apresentadas pela Conferência das Partes durante o ano todo. Foram reuniões e eventos em várias cidades e o enredo das discussões apresentadas pelo Green Building Council Brasil estava inspirado na campanha

“Be Bold On Buildings”. Um trabalho efetivo para posicionar o quanto a atividade profissional e empresarial das empresas associadas, e investidoras nos empreendimentos certificados são significantes para a agenda climática.

Demonstramos que somos as respostas para os principais desafios elencados durante a Conferência, temos a capacidade de envolver todos da cadeia da construção, temos diversos projetos implementados que trouxeram a tempo presente os resultados em matéria de descarbonização e resiliência, que muitos esperam alcançar em 2035/2050, valorizamos as pessoas no centro das discussões, bem como temos uma contribuição cirúrgica para a agenda da resiliência e adaptação.

Desta forma, em parceria estratégica com o SindusCon-SP, através do COMASP e a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), realizamos diversos encontros que engajaram a iniciativa privada, os Ministérios das Cidades, Ciência e Tecnologia, Minas e Energia, Fazenda e Meio Ambiente. O próprio Presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, participou em um dos eventos que realizamos em Brasília.

Como resultado, destaco o acompanhamento de políticas públicas aprovadas em 2025 como os Índices Mínimos de Eficiência Energética em Edificações Públicas e Privadas do Ministério de Minas e Energia, a Taxonomia Sustentável Brasileira do Ministério da Fazenda, inclusive com as certificações promovidas pelo GBC Brasil referenciadas no texto. Reforçamos institucionalmente a parceria com entidades que compartilham dos mesmos valores e objetivos, avançamos nas discussões de finanças verdes, lançamos a campanha de testemunho dos moradores e incorporadores sobre a proposta de valor do movimento de green building no segmento residencial, celebramos importantes acordos internacionais com o Water Positive Think Tank e a Comissão Global de Qualidade Interna do Ar, que cofundamos no mês de Setembro, durante o Encontro das Nações, na sede da

ONU em Nova Iorque, e realizamos mais de 50 eventos ao longo do ano.

Um dos projetos em destaque foi o Memorando de Entendimento, assinado com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID Invest), com o objetivo de criar um cenário favorável ao destravamento dos recursos destinados à transição climática à indústria de green building no Brasil.

Dentre as razões evidenciadas pelo projeto, estão: melhores resultados econômicos, menor risco de crédito, e melhores condições no financiamento. Isto porque as certificações promovidas pelo GBC Brasil estão sendo constantemente lapidadas com o objetivo de gerar valor aos ocupantes e incorporadoras, até mesmo em uma perspectiva de curto prazo, e alinhado com os indicadores e práticas por trás dos principais ratings de ESG, observados pelo Mercado Financeiro e de Capital.

Para o Green Building Council Brasil o trabalho é incessante. Temos o lema de não nos acomodar com os milhões de metros quadrados conquistados em 350 municípios do Brasil.

De forma ousada e em parceria com os representantes da indústria, iremos equacionar os desafios da comunicação e da geração contínua de valor proporcionando melhores resultados econômicos e redução de riscos aos incorporadores e investidores, maiores vantagens, conforto e qualidade aos consumidores, e ao mesmo tempo avançar na redução do uso de recursos naturais, mitigação dos impactos socioambientais negativos e promoção de construções mais adaptadas e resilientes.

Felipe Augusto Faria
Chief Executive Officer
GBC Brasil

CARTA DO PRESIDENTE

O GBC Brasil tem demonstrado uma proposta de valor robusta e essencial para o avanço do movimento de green building. Estamos respaldados por benefícios que influenciam melhores resultados econômicos, justificam a nossa quinta posição no número de empreendimentos, registrados e certificados, em um ranking internacional que participam 186 países, onde a certificação LEED está presente.

Estamos em 350 municípios brasileiros e com mais de 75 milhões de metros quadrados buscando as nossas certificações.

Dos projetos certificados, a média de redução do consumo de energia é de 31%, a redução no consumo de água 47%, e o desvio dos resíduos de aterros sanitários chega a expressivos, 94%.

Uma das experiências marcantes de 2025 foi a celebração da certificação LEED O+M de três hospitais públicos em São Paulo. Trata-se de um projeto de parceria público privada entre o Governo do Estado e a Inova Saúde. O relato positivo dos envolvidos pela operação e certificação dos hospitais, bem como o compromisso em replicar a sustentabilidade nos próximos editais de licitações para projetos semelhantes é motivo de orgulho. Quando o movimento influencia positivamente, a operação do Hospital da Mulher, responsável pelo tratamento da metade dos casos de câncer em mulheres na cidade de São Paulo, reafirmamos nosso convencimento que estamos no caminho certo.

E a cada ano, a diversidade de tipologias buscando a certificação nos surpreende, inclusive obras públicas. Além de hospitais, estamos certificando a estação Anália Franca do Metro em São Paulo, sedes de prefeituras e instituições de ensino.

Seguramente, temos exemplos que podem ser replicados e que conversam com transição climática e melhores negócios. Isso fez parte do conteúdo que apresentamos na Conferência das Partes (COP30), organizada pelas Nações Unidas na cidade de Belém, no mês de novembro.

O Green Building Council Brasil, seus membros e parceiros, se posicionaram como referência para o tema da implementação em prol da agenda de transição climática, onde a mitigação e o investimento em adaptação e resiliência eram pontos focais.

Outro compromisso em que estamos concentrados é simplificar a linguagem do movimento de green building e ingressar fortemente no segmento residencial. Precisamos que este movimento fique mais próximo da sociedade civil e estamos atuando neste objetivo através da certificação GBC Casa&Condomínio.

A proposta de valor do conforto, saúde, bem-estar, redução de despesas condominiais, qualidade técnica e valorização do investimento está sendo fortalecida. Vemos o segmento residencial como uma grande oportunidade e vamos avançar nesta agenda.

Por fim, destacamos o engajamento cada vez maior da iniciativa privada, e o fortalecimento da nossa agenda de green building nas políticas públicas e de incentivos financeiros. E acredito que, com o esforço coletivo, encontraremos os meios para trazer a sociedade civil mais próxima do Green Building Council Brasil, e implanteremos soluções em favor do nosso Planeta.



A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Raul Penteado'.

Raul Penteado

Presidente do Conselho de Administração

GBC Brasil

CONSELHO **ADMINISTRATIVO** 2025 - 2027



Raul Penteado
Presidente
Conselho GBC Brasil
Presidente RSMF



José Moulin Netto
Vice-Presidente
Conselho GBC Brasil
CEO NEXTA



Adriano Sartori
Presidente
CBRE



Angelo Derenze
Diretor Geral
Shopping D&D



Carlos Mattar
Diretor Executivo
Saint-Gobain



Eduardo Costa
Presidente
Grupo Farroupilha



Guilherme Bertani
CEO
Docol



Hilton Rejman
Presidente
Brookfield Properties



Leila Jacy
Diretora Geral
Tishman Speyer



Manoel Gameiro
Diretor Comercial
Ecoquest



Michel Farah
Presidente
Farah Services



Olivia Argentini
Sócia-diretora
Archea Brasil



Renata Malenza
Diretora Geral
Brasigran



Sérgio Athié
Sócio-Proprietário
athié | wohnrath

EQUIPE **EXECUTIVA** 2025



Felipe Augusto Faria
Chief Executive Officer



César Velazquez
Diretor Administrativo
e Financeiro



Enzo Tessitore
Diretor de Marketing
e Operações



Diego Salmazo
Gerente Comercial



Eric Sanchez
Press Officer



Aline Gouveia
Analista Financeira



Maria Eduarda Ferri
Analista de
Comunicação



Sandrino Beltrane
Head de
Desenvolvimento
de Mercado GBCI



CERTIFICAÇÕES COMO FERRAMENTAS DE TRANSFORMAÇÃO DE MERCADO

Por muito tempo, certificações ambientais foram tratadas como um selo de diferenciação. Algo que agregava valor reputacional, mas que ficava à margem das decisões centrais de projeto, investimento e operação. Esse ciclo está ficando para trás. No Brasil, os números mais recentes mostram que certificações passaram a cumprir um papel mais estrutural: organizar expectativas, reduzir riscos e acelerar a transição do setor da construção para modelos mais eficientes e resilientes.

Os dados divulgados em 2025 confirmam essa virada. O país registrou recorde de empreendimentos certificados em 2024 e manteve ritmo consistente ao longo de 2025, somando quase 3 milhões de metros quadrados apenas entre janeiro e setembro. Ao todo, são cerca de 75 milhões de metros quadrados de empreendimentos registrados ou certificados, distribuídos em aproximadamente 350 municípios. Mais do que volume, o que chama atenção é a diversidade: escritórios corporativos, centros logísticos, varejo, edifícios de uso misto, residenciais e, mais recentemente, projetos de habitação de interesse social.

Quando medir muda o jogo

Certificações funcionam porque tornam visível o que antes era abstrato. Energia, água, resíduos, conforto, qualidade do ar, carbono incorporado e operacional deixam de ser intenções e passam a ser métricas verificadas por terceira parte. Esse processo de verificação independente é o que sustenta a credibilidade do sistema. Para investidores, operadores e usuários finais, não se trata apenas de “ser sustentável”, mas de comprovar desempenho ao longo do ciclo de vida do ativo.

Na prática, isso se traduz em redução de risco. Edifícios certificados tendem a apresentar menor volatilidade de custos operacionais, maior previsibilidade de desempenho e melhor preparação para mudanças regulatórias, climáticas e de mercado. Não por acaso, fundos imobiliários e grandes incorporadoras foram alguns dos principais vetores de adoção no país. Onde o ativo precisa performar ao longo do tempo, medir virou pré-requisito.

Da exceção ao padrão técnico

Outro sinal claro de maturidade é a evolução do nível técnico dos projetos. O Brasil apresenta um percentual de empreendimentos certificados nos níveis mais altos — Ouro e Platina — acima da média global. Esse dado não aponta para um mercado elitizado, mas para um aprendizado coletivo: projetos mais integrados, decisões tomadas mais cedo e maior domínio técnico das equipes de arquitetura, engenharia e operação.

As certificações do GBC são, por definição, agnósticas em relação às tecnologias adotadas. O que importa é o resultado. Isso abriu espaço para uma terceira fase do movimento de construções sustentáveis no país, em que bons projetos e bons profissionais conseguem alcançar alto desempenho, em muitos casos sem acréscimo de custo de obra. A sustentabilidade deixa de ser um pacote de soluções e passa a ser um critério de qualidade do projeto.

O papel das certificações na leitura de risco

À medida que o mercado financeiro passa a precificar riscos climáticos e de transição, edifícios entram definitivamente nessa equação. Consumo de energia, dependência de sistemas intensivos, exposição a eventos extremos e obsolescência regulatória são fatores cada vez mais considerados em decisões de crédito e investimento. Certificações oferecem uma linguagem comum entre o setor da construção e o setor financeiro, traduzindo complexidade técnica em critérios comparáveis.

Esse alinhamento explica por que as certificações deixaram de ser exclusividade de empreendimentos corporativos de alto padrão. No segmento residencial, ainda em processo de consolidação, cresce o entendimento de que desempenho ambiental também significa conforto térmico, contas mais previsíveis, menor custo de manutenção e maior valor ao longo do tempo. Em um país onde a maior parte das pessoas compra um imóvel poucas vezes na vida, reduzir incertezas importa.

Transformação que escala

Talvez o aspecto mais relevante seja este: certificações não transformam um projeto isolado, transformam o mercado. Ao criar referências técnicas, metas claras e processos verificáveis, elas elevam o patamar médio do setor. Indústrias se adaptam, projetistas se especializam, operadores aprendem a gerir melhor seus ativos e políticas públicas encontram parâmetros confiáveis para avançar.

O crescimento do movimento de construções sustentáveis no Brasil mostra que a transformação já está em curso. Não como discurso, mas como prática medida. E, cada vez mais, como base para decisões econômicas. Quando medir vira regra, o mercado responde.

O MOVIMENTO DE CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS EM NÚMEROS



67

Registros

26

Certificados



124

Registros

33

Certificados



57

Registros

27

Verificados



2770

Registros

1297

Certificados



90

Registros

52

Certificados



15

Registros

5

Verificados

Os números ajudam a contar uma história que vai além do crescimento quantitativo. Eles revelam a consolidação de um movimento que deixou de ser experimental e passou a estruturar decisões reais de projeto, investimento e operação. Ao observar a distribuição territorial dos empreendimentos certificados e registrados, fica claro que a construção sustentável não está mais restrita a grandes capitais ou a nichos específicos de mercado. Ela se espalha pelo país, alcançando diferentes tipologias, escalas e contextos urbanos.

Esse avanço não acontece por acaso. Ele é resultado de uma combinação entre amadurecimento técnico, maior disponibilidade de soluções no mercado e, sobretudo, da confiança gerada por processos de verificação independente. Quando desempenho

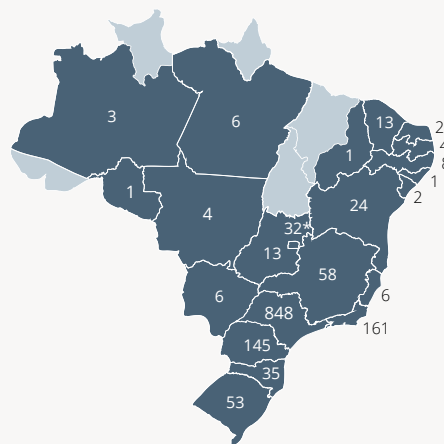
ambiental, conforto e eficiência passam a ser medidos e comparáveis, o diálogo entre projetistas, incorporadores, investidores e usuários se torna mais objetivo e menos baseado em percepções.

Os dados também mostram um setor em transição. Programas distintos de certificação atendem a necessidades diferentes, mas compartilham um mesmo princípio: transformar intenção em desempenho comprovado. Em um cenário de maior atenção a riscos climáticos, operacionais e financeiros, medir passa a ser condição para decidir. E quando medir vira prática corrente, a sustentabilidade deixa de ser exceção e começa, de fato, a se aproximar do padrão técnico esperado para o ambiente construído brasileiro.



TOP 5 UF

SP	1.599
RJ	343
PR	312
MG	142
RS	123



TOP 5 UF

SP	848
RJ	161
PR	145
MG	58
RS	53

*: Distrito Federal

(1): número de projetos registrados por UF

*: Distrito Federal

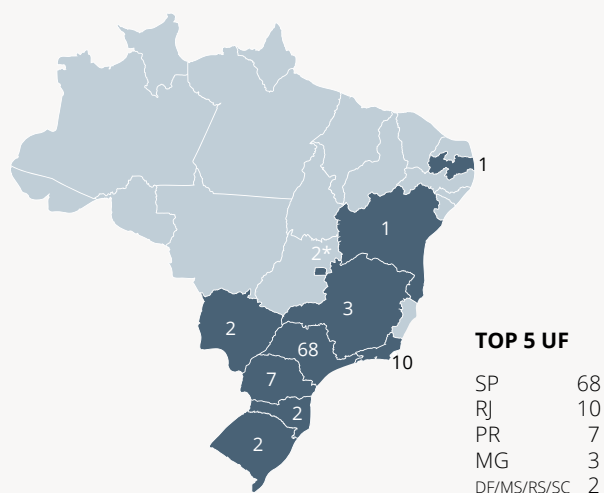
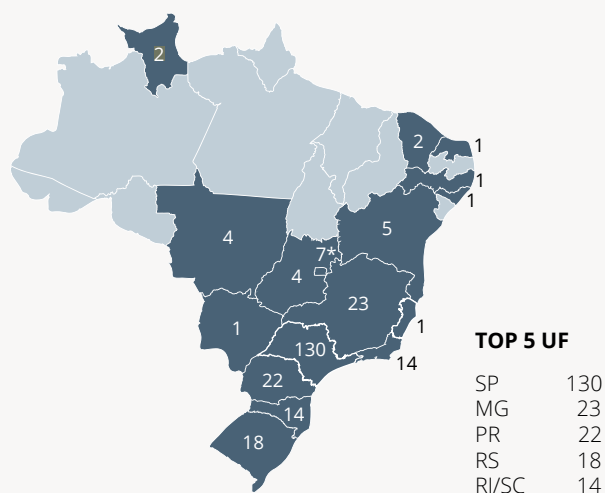
(2): número de projetos certificados por UF



EM 2025

139 Registros

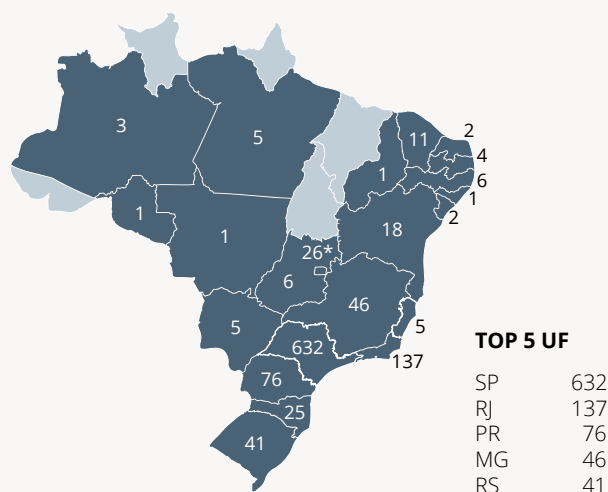
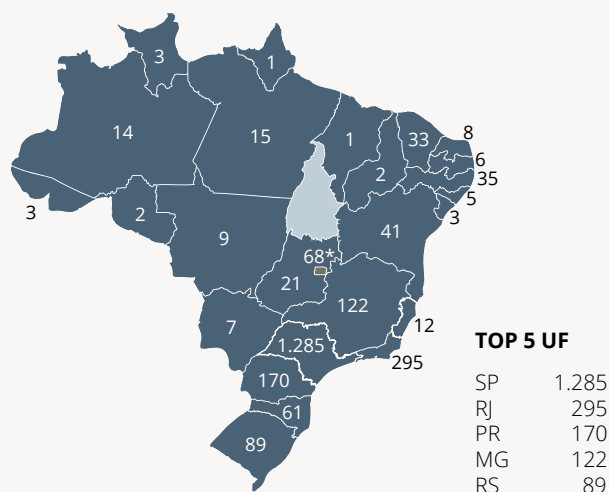
173 Certificados



NO TOTAL

2770 Registros

1297 Certificados



CENTRO ADMINISTRATIVO SICREDI DAS CULTURAS

Ijuí, RS

LEED Platinum 2025

NICE BRASIL

Limeira, SP

LEED Silver 2025



LEED V5

QUANDO O PADRÃO **EVOLUI** COM O MUNDO

Ao longo de seus 25 anos de história, o LEED ajudou a redefinir o que significa construir bem. Não apenas em termos ambientais, mas como um sistema capaz de organizar decisões técnicas, alinhar expectativas de mercado e traduzir sustentabilidade em desempenho mensurável. O lançamento do LEED v5 marca mais um ponto de inflexão nessa trajetória: não uma ruptura, mas uma resposta direta às urgências do nosso tempo.

A nova versão do sistema nasce em um contexto claro. Crise climática mais intensa, eventos extremos mais frequentes, pressão crescente sobre ativos imobiliários e uma demanda cada vez maior por transparência, saúde e resiliência. O LEED v5 parte desse cenário para elevar o nível técnico da certificação, mantendo aquilo que sempre foi seu principal valor: ser um framework robusto, comparável e verificável, aplicável a diferentes realidades ao redor do mundo.

Talvez a mudança mais emblemática do LEED v5 seja o peso dado à descarbonização. Pela primeira vez, cerca de metade da pontuação total do sistema está diretamente associada à redução de emissões de carbono. E não apenas do carbono operacional, tradicionalmente mais conhecido, mas também do carbono incorporado, dos refrigerantes e das emissões associadas à mobilidade.

Todos os projetos passam a realizar projeções de carbono operacional e a construir estratégias de descarbonização de longo prazo. Isso muda a conversa. O foco deixa de ser apenas eficiência pontual e passa a ser trajetória. O edifício não é avaliado só pelo que entrega no momento da certificação, mas pelo caminho que estabelece ao longo de sua vida útil.

Outro eixo central do LEED v5 é a qualidade de vida. A pandemia acelerou um movimento que já estava em curso: pessoas querem edifícios mais saudáveis, confortáveis e transparentes. O novo sistema reforça estratégias centradas no ser humano, abordando qualidade do ar interno, conforto térmico e acústico, acesso à luz natural e impactos positivos para as comunidades do entorno.

Essa abordagem reconhece algo fundamental: edifícios não existem isolados. Eles afetam quem os ocupa e também quem vive ao redor. Ao incorporar essa lógica, o LEED v5 amplia o entendimento de desempenho, conectando saúde, produtividade, bem-estar e valor imobiliário.

Se antes resiliência era tratada como um diferencial, agora ela se torna parte do básico. O LEED v5 exige que todos os projetos realizem avaliações de riscos climáticos, considerando ameaças físicas reais como calor extremo, enchentes, escassez hídrica e interrupções de infraestrutura.

Mais do que identificar riscos, o sistema orienta estratégias para reduzi-los ao longo do ciclo de vida do edifício. Isso protege usuários, operações e ativos. Em um mercado cada vez mais atento à exposição a riscos climáticos, resiliência deixa de ser discurso e passa a ser critério de investimento.

O LEED v5 também avança na forma como projetos são geridos, comunicados e verificados. Novas ferramentas digitais, relatórios de impacto e scorecards permitem que equipes acompanhem desempenho de maneira mais clara e que proprietários comuniquem resultados de forma objetiva a investidores, usuários e sociedade.

A verificação independente segue como pilar central do sistema. Em um cenário de crescente ceticismo em relação a promessas ambientais, essa credibilidade é o que sustenta o valor do LEED como ferramenta de mercado, e não apenas como selo.

Um padrão global, com leitura local

Embora seja um sistema internacional, o LEED v5 reconhece a diversidade de contextos. A categoria de prioridades regionais permite que projetos respondam a desafios específicos de cada território, sem abrir mão da comparabilidade global. É justamente essa combinação — rigor técnico e flexibilidade contextual — que mantém o LEED relevante em mais de 180 países.

No Brasil, essa evolução chega em um momento estratégico. O país já demonstra excelência em projetos certificados, com destaque para níveis elevados de desempenho e protagonismo em inovações recentes. O LEED v5 amplia esse espaço, oferecendo uma linguagem ainda mais alinhada às demandas de investidores, operadores, usuários e do próprio planeta.

Elevar o padrão é o caminho

O LEED v5 não propõe soluções únicas nem receitas prontas. Ele faz algo mais poderoso: eleva o sarrafo técnico e convida o mercado a responder. Em um setor onde decisões de hoje moldam cidades por décadas, esse papel é essencial.

Mais do que certificar edifícios, o LEED v5 ajuda a redefinir o que esperamos deles. E, ao fazer isso, segue cumprindo sua função mais importante: transformar o mercado pela prática, pela métrica e pela prova.

Melhores green buildings com o **LEED**

O LEED é o principal sistema de gerenciamento de desempenho e projeto de green buildings do mundo. Ele oferece uma estrutura abrangente para projeto, construção, operações e desempenho de edifícios verdes.

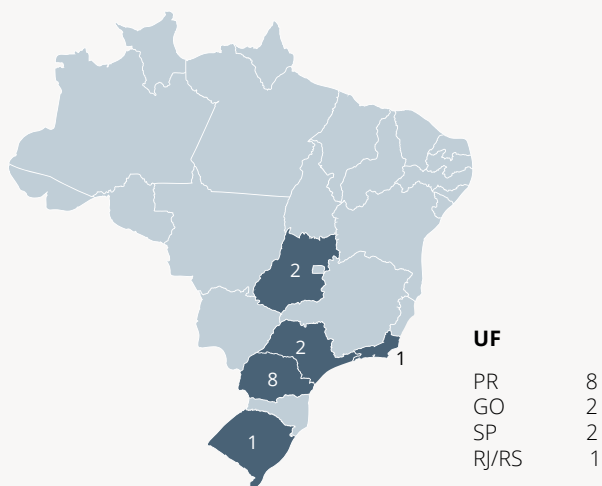
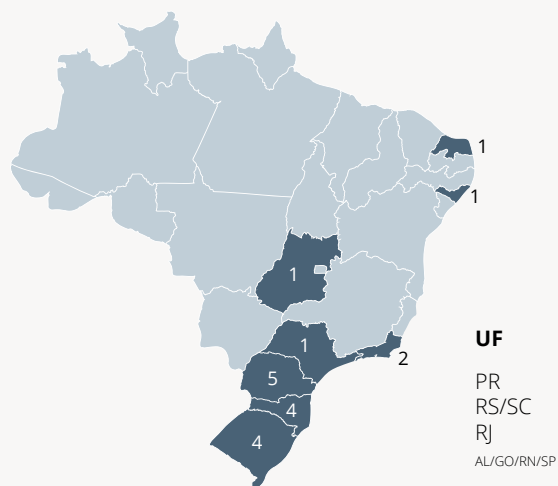




EM 2025

19 Registros

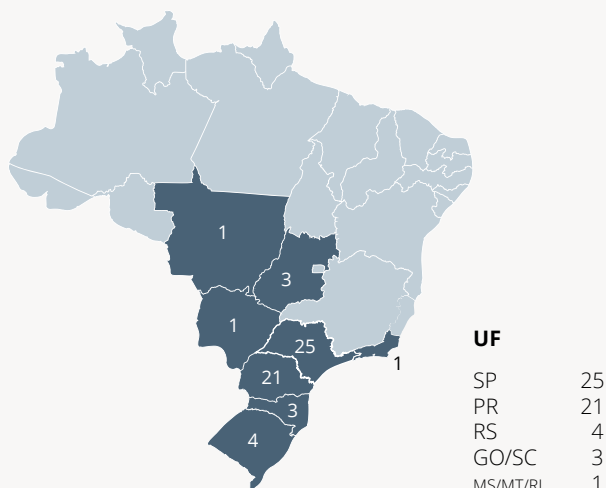
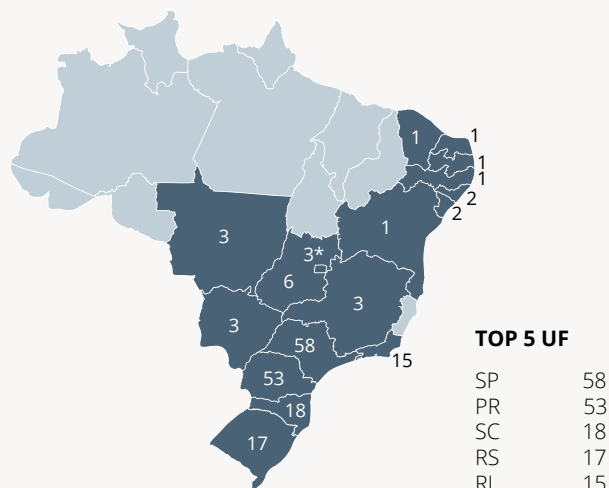
14 Certificados



NO TOTAL

188 Registros

59 Certificados



*: Distrito Federal

projeto em destaque: Sense Residencial, Bento Gonçalves, RS | GBC Condomínio Ouro 2025

PINAH

Curitiba, PR

GBC Condomínio Platina 2025

CASA 199

Rio de Janeiro, RJ

GBC Casa Ouro 2025



UMA FERRAMENTA MAIS CLARA, CONECTADA E PREPARADA PARA **ESCALAR**

A certificação GBC Casa & Condomínio nasceu como resposta a uma lacuna do setor: a falta de uma metodologia técnica, nacional e viável para reconhecer o desempenho ambiental de empreendimentos habitacionais no Brasil. A primeira versão foi construída com base em experiências internacionais e, desde o início, se destacou por seu esforço de adaptação ao contexto local. A segunda versão consolidou esse posicionamento, ajustando critérios, atualizando pesos e estruturando um modelo de avaliação robusto. Agora, em sua terceira versão, a ferramenta dá um passo além: reorganiza sua estrutura para dialogar com o mercado de forma mais direta, comparável e estratégica.

Não se trata apenas de uma atualização técnica. A versão 3 representa uma mudança de abordagem. A sustentabilidade deixou de ser um diferencial e passou a ser uma exigência em certos nichos, e isso exige que a certificação consiga responder a essa demanda com clareza, mensurabilidade e coerência com o que já vem sendo praticado em outras esferas do setor.

Por isso, uma das principais transformações da nova versão é a organização por macrotemas: Água e Efluentes, Biodiversidade e Poluição, Energia, Materiais e Resíduos, Saúde, Segurança e Qualidade, Mudanças Climáticas, além de Governança. Essa reestruturação aproxima o GBC Casa & Condomínio de outras ferramentas globais de reporte, como GRESB, GRI e CDP. Também facilita o entendimento por parte de públicos que, embora não técnicos, são cada vez mais decisivos no avanço da construção sustentável: investidores, compradores e gestores públicos.

A simplificação e a clareza também estão presentes na documentação exigida. Um dos principais obstáculos à adoção de certificações ambientais no segmento residencial é a percepção de complexidade ou de custo adicional na fase de projetos e obras. A versão 3 foi desenvolvida com base em análises técnicas de empreendimentos certificados ou em processo de certificação, e contou com o retorno de projetistas, consultores, auditores e incorporadores. O resultado foi um modelo mais enxuto, com exigências proporcionais à escala do empreendimento, e que incentiva soluções simples, porém eficientes, da setorização de medição ao uso racional de materiais e à ventilação natural.

A linguagem adotada também foi repensada. Termos excessivamente técnicos foram substituídos por descrições mais claras, sem perda de precisão. Isso permite que equipes multidisciplinares compreendam os requisitos sem depender exclusivamente de consultores externos, ampliando a autonomia dos incorporadores e a capacidade de decisão informada dentro das empresas. A certificação se torna, assim, uma ferramenta de gestão e de reputação, não apenas um selo.

Vale destacar, ainda, que a nova versão incorpora temas que ganharam centralidade nos últimos anos, como a adaptação climática, o desempenho operacional e o bem-estar dos usuários. A presença desses tópicos na certificação responde a mudanças estruturais no setor e à emergência de critérios ESG no mercado imobiliário. Os projetos agora precisam demonstrar, com dados, como enfrentam riscos climáticos, como garantem a qualidade ambiental interna e como lidam com o uso de recursos ao longo do ciclo de vida da edificação. A nova estrutura da certificação permite capturar essas informações com mais precisão e traduzi-las em indicadores relevantes.

Outro ponto de destaque é a sinergia com outros programas do GBC Brasil. A nova versão da Casa & Condomínio foi desenvolvida em alinhamento com o GBC LIFE (voltado para interiores) e com os novos programas temáticos, como o GBC Biodiversidade. Isso permite que empreendimentos busquem múltiplas certificações com maior eficiência e coerência, potencializando seus resultados e sua comunicação com o mercado.

Com isso, o GBC Brasil entrega ao setor habitacional um instrumento mais maduro, mais adaptado às exigências atuais e mais capaz de acelerar a transição para um modelo de desenvolvimento que reconhece, de forma prática, que casas sustentáveis não são luxo, mas sim infraestrutura essencial para a resiliência urbana, a saúde pública e a justiça climática.

Internacionalização

Expandir o alcance da certificação GBC Casa & Condomínio para além das fronteiras brasileiras é uma ambição antiga que ganha força. Em um projeto com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o GBC Brasil lidera uma força-tarefa regional para alinhamento técnico entre os programas de certificação habitacional da América Latina.

O ponto de partida foi promissor: embora cada GBC nacional tenha criado seu programa de forma independente, muitos dos critérios e objetivos já eram coincidentes. Isso revelou que, mesmo com contextos regulatórios e construtivos distintos, há um núcleo comum de preocupações que atravessa fronteiras. A convergência técnica, portanto, não parte do zero. Ela reconhece o que já era compatível.

O esforço atual busca justamente consolidar esse núcleo, preservando, ao mesmo tempo, a adaptabilidade local que sempre foi uma marca deste programa do GBC. Não se trata de criar um modelo único e descontextualizado, mas sim de estabelecer uma arquitetura comum, onde cada país mantenha sua autonomia para definir parâmetros específicos, sem perder

a capacidade de diálogo com a região. Em vez de regionalização, estamos falando de interoperabilidade.

E isso é importante por vários motivos.

Em primeiro lugar, amplia a credibilidade das certificações ao permitir comparabilidade de indicadores, algo cada vez mais demandado por investidores e por relatórios de sustentabilidade. Segundo, favorece a atuação de incorporadoras que operam em mais de um país da região. Ter critérios alinhados significa também reduzir barreiras operacionais para quem busca incorporar sustentabilidade como parte do modelo de negócio.

E há ainda uma razão estratégica: a internacionalização da ferramenta ajuda a posicionar a América Latina como uma região ativa na produção de soluções climáticas. Ao promover uma certificação robusta, adaptada e com reconhecimento mútuo, os GBCs latino-americanos não apenas elevam o padrão de construção local, mas também oferecem um modelo replicável para outros mercados emergentes.

Em suma, o processo de internacionalização da certificação GBC Casa & Condomínio não busca uniformidade, mas sim articulação. É uma forma de somar forças, ampliar o impacto e demonstrar que a construção de moradias sustentáveis, desde que enraizada nas realidades de cada país, pode ser também uma agenda coletiva, conectada por princípios comuns e objetivos compartilhados.

Um movimento de construções sustentáveis

A expansão da certificação GBC Casa & Condomínio para além do Brasil só é possível porque hoje existe uma articulação sólida entre diferentes Green Building Councils da região. O trabalho conduzido com o GBC Colômbia e o GBC Guatemala é o núcleo mais visível dessa agenda, mas não é o único. Ele representa uma forma de cooperação que tem se consolidado: cada GBC contribui com sua experiência prática, seus aprendizados e suas limitações, e disso nasce um senso de propósito comum.

Essas parcerias têm uma lógica muito clara. A agenda de habitação sustentável na América Latina enfrenta desafios estruturais semelhantes. Déficit habitacional, vulnerabilidade climática, informalidade, restrições orçamentárias, necessidade de atualização regulatória. Trabalhar isoladamente atrasaria a capacidade de resposta desses países. Trabalhar de forma articulada acelera soluções e evita caminhos duplicados.

O papel do GBC Brasil nesse processo não é apenas o de exportar um modelo. É o de compartilhar um método já testado, ouvir o que está sendo desenvolvido nos outros países e construir,

em conjunto, um programa que represente a diversidade e a complexidade da região. Essa troca técnica acontece em diferentes frentes: construção de critérios comuns, alinhamento metodológico, harmonização de indicadores, revisão cruzada de guias e, principalmente, criação de processos de governança conjuntos.

Além disso, essa rede latino-americana tem possibilitado um diálogo mais direto com instituições multilaterais e bancos de desenvolvimento, que veem na certificação um instrumento de mitigação de risco e de qualificação de investimentos. Quanto mais coordenada for a atuação dos GBCs, maior é a capacidade de captar recursos, influenciar linhas de financiamento e desenhar projetos em escala.

As parcerias também funcionam como um laboratório. Cada país experimenta soluções distintas para problemas semelhantes: normas técnicas, incentivos fiscais, programas de habitação social, tecnologias construtivas, políticas de adaptação climática. Compartilhar essas experiências enriquece a certificação e reforça seu caráter de ferramenta viva, sempre em desenvolvimento.

Esse movimento de cooperação não cria dependência entre GBCs. Cria maturidade coletiva. Ele mostra que, quando existe convergência técnica e clareza de propósito, é possível construir uma agenda regional de sustentabilidade que respeita as diferenças e, ao mesmo tempo, eleva o padrão de qualidade em todos os países envolvidos.

Em síntese, as parcerias que estão sendo articuladas são mais do que alianças estratégicas: são parte fundamental da construção de uma visão latino-americana para a habitação sustentável. Uma visão que compreende que os desafios são grandes demais para serem enfrentados por um único país, e que o avanço de cada GBC fortalece o movimento como um todo.



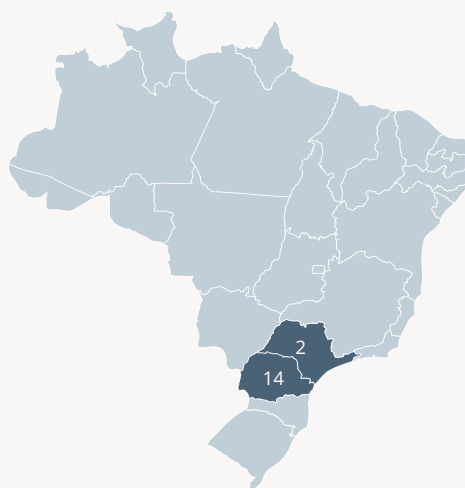
EM 2025

03 Registros

16 Verificados



UF	
RS	2
PR	1

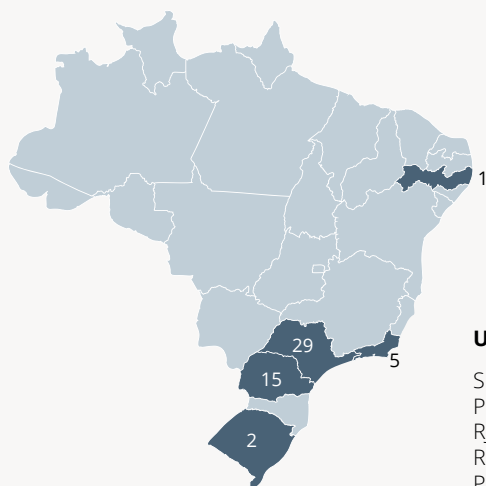


UF	
PR	14
SP	2

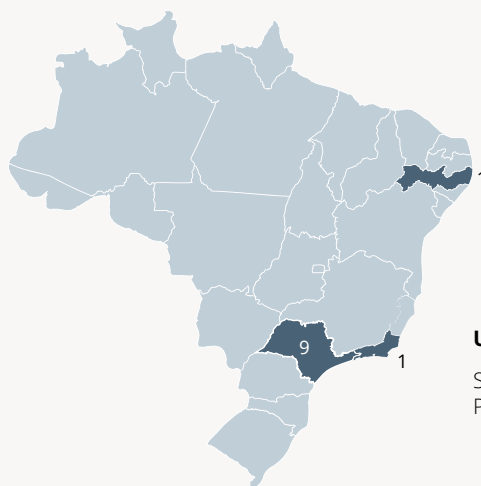
NO TOTAL

57 Registros

27 Verificados



UF	
SP	29
PR	15
RJ	5
RS	2
PE	1



UF	
SP	9
PE/RJ	1

2 projetos confidenciais

Studio SJ Pinheiros 204

São Paulo, SP

GBC LIFE 2025

Conforlab

São Paulo, SP

GBC LIFE Performance Rating 2025





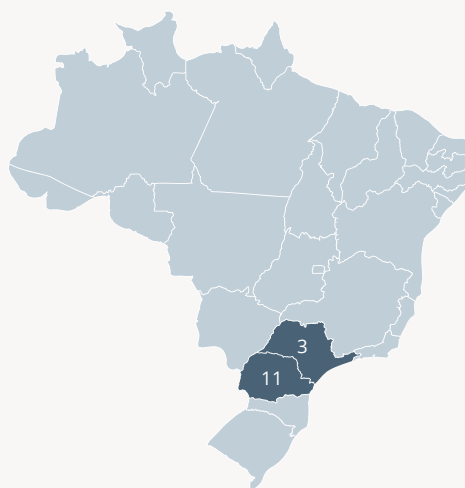
EM 2025

13 Registrado

14 Certificados



UF	
PR	11
SP	2



UF	
PR	11
SP	3

NO TOTAL

90 Registros

52 Certificados



TOP 5 UF	
PR	52
SC	21
SP	9
MG	3
RS	2



UF	
PR	38
SC	4
SP	5
MG	2
BA/MT/RJ	1



+85

MILHÕES DE METROS QUADRADOS DE GREEN BUILDINGS NO BRASIL





#BEBOLDONBUILDINGS

Por milhares de anos, os edifícios nos abrigaram, nos protegeram e deram forma aos espaços onde vivemos, aprendemos, trabalhamos e cuidamos da nossa saúde. No século XXI, eles podem, e precisam, fazer muito mais.

Edifícios sempre moldaram a forma como vivemos. Abrigam nossas casas, escolas, hospitais, escritórios e cidades inteiras. Durante séculos, foram vistos como infraestrutura estática necessária, mas silenciosa. Hoje, essa visão já não se sustenta. Em um mundo pressionado pela crise climática, pela instabilidade econômica e por desigualdades crescentes, os edifícios deixam de ser pano de fundo e passam a ocupar o centro das decisões sobre o futuro.

No século XXI, construir bem significa muito mais do que atender normas técnicas. Significa responder a riscos reais: ondas de calor, enchentes, escassez de água, custos crescentes de energia e impactos diretos na saúde das pessoas. Significa, também, reconhecer que o ambiente construído concentra uma das maiores oportunidades de ação climática disponível hoje. O setor de edifícios responde por mais de um terço das emissões globais e detém mais de 40% das soluções necessárias para acelerar ganhos de eficiência energética até 2030.

É a partir dessa constatação que nasce o tema que rodeou os eventos do GBC Brasil ao longo de 2025 #BeBoldOnBuildings. um convite claro para transformar edifícios de parte do problema climático na principal alavanca da solução.

Ser ousado com edifícios não é uma abstração conceitual. É uma decisão prática. Edifícios podem reduzir consumo de energia e água, aliviar sistemas urbanos sobrecarregados, proteger comunidades de eventos extremos e melhorar, de forma mensurável, a qualidade de vida das pessoas. Podem reduzir contas domésticas, fortalecer economias locais e criar empregos qualificados. Podem, sobretudo, devolver previsibilidade e resiliência a ativos que hoje convivem com riscos cada vez mais evidentes.

Apesar disso, os edifícios seguem frequentemente sub-representados em planos climáticos nacionais, políticas públicas e estratégias de financiamento. A COP30, que aconteceu em Belém, representou um momento decisivo para mudar esse cenário. À

medida que países atualizam suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), colocar o ambiente construído no centro dessas estratégias deixa de ser opção e passa a ser necessidade.

Ser ousado com edifícios, do ponto de vista das políticas públicas, significa reconhecer que eficiência energética, saúde, resiliência e descarbonização não são temas isolados. São parte de uma mesma equação. Significa criar diretrizes claras, previsíveis e baseadas em desempenho, capazes de orientar investimentos e acelerar soluções que já existem e funcionam.

Do lado do setor privado, a mensagem é igualmente direta. Edifícios sustentáveis não são apenas bons para o planeta, são uma das decisões mais inteligentes do ponto de vista econômico. Empresas que priorizam desempenho ambiental e resiliência reduzem custos operacionais, protegem seus ativos, aumentam produtividade, fortalecem marcas e se posicionam melhor frente a investidores, clientes e colaboradores. Não se trata de filantropia, mas de estratégia.

#BeBoldOnBuildings é, na prática, investir em retrofit do que já existe, considerar carbono ao longo de todo o ciclo de vida, projetar espaços saudáveis, antecipar riscos climáticos e alinhar edifícios a compromissos ambientais, sociais e de governança. É entender que liderança, hoje, se mede menos por discursos e mais por decisões concretas.

O desafio é grande, mas a oportunidade é maior ainda. Para manter vivo o limite de 1,5 °C, o mundo precisa reduzir emissões globais em 42% até 2030. Os edifícios são parte fundamental dessa conta. Ignorá-los significa aceitar custos crescentes. Custos financeiros, sociais e humanos. Enfrentá-los com ousadia abre caminho para cidades mais saudáveis, economias mais fortes e um futuro mais seguro.

#BeBoldOnBuildings não é apenas um lema. É um chamado à ação para governos, empresas e sociedade. Porque quando somos ousados com edifícios, somos ousados com pessoas, com cidades e com o futuro que estamos construindo agora.

DA POLÍTICA AO PROJETO: COMO O BRASIL COMEÇA A ESTRUTURAR A **TRANSIÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO**

Durante muito tempo, falar de construções sustentáveis no Brasil soava como algo restrito a nichos técnicos, projetos emblemáticos ou iniciativas voluntárias de alguns poucos atores. Esse cenário começou a mudar de forma mais clara nos últimos anos, e o encontro pré-COP realizado em Brasília, em 2025, é um retrato bastante fiel desse novo momento. O debate saiu do campo da intenção e entrou, definitivamente, no território da estrutura.

O evento reuniu representantes do governo federal, do sistema financeiro, da indústria da construção, de entidades setoriais e de organizações técnicas. Mais do que anunciar soluções prontas, o objetivo foi discutir como criar as condições para escalar aquilo que já existe. A mensagem que atravessou as falas foi clara: a transformação do ambiente construído não depende mais de provar que é possível, mas de organizar instrumentos, alinhar incentivos e reduzir incertezas.

Na abertura do encontro, o presidente da COP30, embaixador brasileiro André Corrêa do Lago, destacou que a agenda climática precisa, cada vez mais, *“sair dos compromissos genéricos e entrar nos setores onde as decisões de investimento realmente acontecem”*. Nesse sentido, o ambiente construído aparece como um elo estratégico: é intensivo em capital, responde por uma parcela relevante das emissões e, ao mesmo tempo, oferece soluções concretas para adaptação, mitigação e qualidade de vida.

Essa leitura dialoga diretamente com o momento das políticas públicas brasileiras. Iniciativas como a taxonomia sustentável, o avanço das discussões sobre mercado regulado de carbono e a integração da agenda climática aos instrumentos de planejamento econômico foram citadas como sinais de maturidade institucional. Não se trata de criar mais regras, mas de oferecer clareza. Quando o mercado entende o que será valorizado ao longo do tempo, decisões melhores tendem a ser tomadas.

Ao longo dos painéis, ficou evidente que a sustentabilidade deixa de ser vista apenas como um atributo ambiental e passa a ser compreendida como gestão de risco. Um edifício mais eficiente, resiliente e bem projetado é, na prática, um ativo mais previsível. Ele consome menos recursos, sofre menos com eventos climáticos extremos e tende a manter seu valor por mais tempo.

Nesse contexto, o papel do sistema financeiro foi amplamente debatido. Bancos públicos e privados deixam de atuar apenas como financiadores e passam a funcionar como agentes de indução. Linhas de crédito alinhadas a critérios de desempenho ambiental, eficiência operacional e resiliência climática não apenas estimulam melhores práticas, como também reduzem riscos sistêmicos. A sustentabilidade, nesse sentido, não é um adendo, mas parte do racional econômico.

Outro ponto recorrente foi a centralidade da mensuração. A transição só ganha escala quando é medida. Ferramentas que permitem avaliar consumo de energia, uso de água, emissões de carbono e impactos ao longo do ciclo de vida dos edifícios criam uma base técnica comum. E é essa base que permite comparabilidade, transparência e tomada de decisão informada. Como ressaltou Felipe Augusto Faria, CEO do GBC Brasil, durante o evento, *“não se transforma o mercado apenas com boas intenções, mas com métricas claras, verificáveis e aplicáveis à realidade dos projetos”*.

Essa lógica é especialmente relevante em um país como o Brasil, onde as condições climáticas, sociais e urbanas são extremamente diversas. O encontro em Brasília reforçou que não existe uma solução única, mas sim princípios comuns de desempenho. A sustentabilidade deixa de ser prescritiva e passa a ser orientada a resultados. Cada projeto encontra suas próprias estratégias, desde que entregue desempenho comprovado.

Também ficou claro que o Brasil não parte do zero. Há um estoque significativo de empreendimentos que já demonstram ganhos concretos em eficiência energética, uso racional da água, redução de resíduos e melhoria do conforto ambiental. Esses projetos existem em diferentes tipologias. Corporativo, logístico, industrial, equipamentos públicos e, cada vez mais, no setor residencial. O desafio agora é conectar essas experiências bem-sucedidas a políticas, financiamentos e instrumentos que permitam sua replicação em larga escala.

Talvez a mudança mais importante seja de narrativa. A construção sustentável deixa de ser tratada como diferencial ou custo adicional e passa a ser entendida como infraestrutura estratégica. Em um país majoritariamente urbano, com vulnerabilidades climáticas crescentes e grandes desafios sociais, o ambiente construído se consolida como uma das principais alavancas de desenvolvimento, adaptação e inclusão.

O encontro pré-COP em Brasília não apresentou respostas definitivas, mas deixou algo igualmente relevante: um alinhamento de visão. Política pública, capital e técnica começam a compartilhar uma mesma linguagem. E quando isso acontece, a sustentabilidade deixa de ser exceção e passa a ser processo.

É nesse terreno, menos ruidoso e mais estruturado, que o Brasil começa a desenhar seu caminho para um ambiente construído mais resiliente, eficiente e preparado para o futuro.





FINANCIAMENTO, RISCO E ESCALA: O PAPEL DO CAPITAL NA TRANSFORMAÇÃO DO **AMBIENTE CONSTRUÍDO**

Se no passado a sustentabilidade na construção era tratada como um tema técnico, hoje ela se consolida como uma questão financeira. Essa foi uma das mensagens mais consistentes dos encontros pré-COP realizados em 2025: a transição do ambiente construído não será limitada pela falta de soluções, mas pela forma como o capital é direcionado (ou não) para elas.

Ao longo das discussões, ficou evidente que edifícios, bairros e cidades passaram a ser analisados sob uma nova ótica. Não apenas pelo custo de construção, mas pelo desempenho ao longo do tempo. Consumo de energia, uso de água, resiliência climática, manutenção e riscos físicos deixaram de ser externalidades e passaram a integrar a conta principal. Essa mudança de lente altera profundamente a forma como projetos são avaliados, financiados e priorizados.

Representantes do setor financeiro trouxeram um ponto central: sustentabilidade é, antes de tudo, gestão de risco. Um ativo exposto a enchentes, ondas de calor, escassez hídrica ou aumento de custos operacionais é, por definição, um ativo mais vulnerável. Em um cenário de eventos climáticos mais frequentes e intensos, essa vulnerabilidade deixa de ser teórica e passa a ser mensurável. Para o setor, o risco climático já entrou no radar do crédito. A pergunta agora é quem vai se antecipar e quem vai reagir tarde demais.

Nesse contexto, bancos e instituições financeiras assumem um papel que vai além do financiamento tradicional. Ao estabelecer critérios claros de desempenho ambiental, eficiência e resiliência, o sistema financeiro passa a induzir melhores práticas em toda a cadeia. Não se trata apenas de oferecer taxas diferenciadas, mas de criar previsibilidade. Quando o mercado entende quais atributos reduzem risco e aumentam valor, o investimento flui com mais segurança.

Os debates também evidenciaram a importância de instrumentos públicos bem desenhados. Políticas de incentivo isoladas têm efeito limitado; o que realmente destrava escala é a combinação entre regulação, financiamento e informação. Programas habitacionais, compras públicas, concessões urbanas e financiamentos de longo prazo têm enorme capacidade de direcionar o mercado, desde que incorporem critérios objetivos de desempenho e sustentabilidade.

Durante os eventos, representantes do governo destacaram que a agenda climática precisa dialogar com desenvolvimento econômico, geração de empregos e inclusão social. O ambiente construído aparece como ponto de convergência dessas pautas. Investir em edifícios mais eficientes e resilientes significa reduzir gastos futuros com infraestrutura, saúde e recuperação de

desastres, além de fortalecer economias locais. Cada real investido em prevenção e qualidade urbana evita múltiplos reais em reconstrução.

Outro tema recorrente foi a necessidade de padronização. Para que o capital se mova em escala, é fundamental que existam referências claras e reconhecidas. Métricas comuns, metodologias transparentes e processos de verificação independente reduzem assimetrias de informação e aumentam a confiança de investidores, financiadores e usuários finais. Sem isso, o risco percebido permanece alto, mesmo quando o desempenho real é positivo.

Nesse ponto, as certificações e ferramentas de avaliação surgem como infraestrutura de mercado. Elas não dizem como projetar, mas ajudam a comprovar resultados. Funcionam como uma linguagem comum entre projetistas, incorporadores, financiadores e gestores públicos. Em um mercado cada vez mais orientado a dados, essa comprovação se torna essencial para acessar capital, reduzir custo financeiro e proteger valor no longo prazo.

Os encontros também trouxeram um alerta importante: a transição precisa alcançar diferentes escalas e tipologias. Embora grandes empreendimentos tenham mais facilidade de acessar financiamento verde, o desafio está em levar esses instrumentos ao setor residencial, à requalificação urbana e à habitação de interesse social. Sem isso, corre-se o risco de criar uma transição desigual, concentrada em poucos ativos e territórios.

Nesse sentido, a articulação entre governo, sistema financeiro e setor técnico aparece como condição indispensável. O Estado cria o ambiente, o capital viabiliza e a técnica entrega. Quando esses três elementos operam de forma alinhada, a sustentabilidade deixa de ser exceção e passa a ser regra de mercado.

O que ficou claro nos eventos pré-COP é que o Brasil já reúne muitos dos ingredientes necessários para avançar: experiência técnica, projetos de referência, capacidade institucional e um mercado financeiro atento aos riscos e oportunidades da transição. O desafio agora é conectar esses pontos de forma estruturada, consistente e escalável.

Mais do que um debate climático, trata-se de uma agenda de desenvolvimento. O ambiente construído não é apenas onde a vida acontece, mas onde decisões econômicas de longo prazo se materializam. E, cada vez mais, essas decisões passam pela capacidade de construir com menos impacto, mais eficiência e maior resiliência.

O capital já começou a perceber isso. Cabe agora acelerar esse movimento.



GREENBUILDING BRASIL

CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL 2025

A Greenbuilding Brasil não é apenas uma conferência. Ela funciona como um retrato do estágio em que o setor da construção brasileira se encontra diante da agenda climática. Um setor que já entendeu a urgência, que domina as ferramentas técnicas e que agora discute, com mais maturidade, como escalar soluções, alinhar políticas públicas, mobilizar capital e aproximar a sociedade civil desse debate.

A edição de 2025 se insere em um contexto muito claro: o Brasil às vésperas da COP30, com a responsabilidade (e a oportunidade) de mostrar ao mundo que a construção civil pode ser parte central da solução climática. Não por discurso, mas por entrega.

Desde a abertura, o evento deixou evidente esse posicionamento. Ao integrar a programação pré-COP e se alinhar à campanha global #BeBoldOnBuildings, do World Green Building Council, a Greenbuilding Brasil assumiu o papel de provocar o setor: sair da fase do compromisso genérico e avançar para a implementação concreta.

Da ambição climática à implementação

A agenda do evento foi construída justamente para refletir esse momento de transição. Ao longo do dia, os debates caminharam da implementação de compromissos para a discussão sobre resiliência e adaptação, passando pelo papel do mercado financeiro, da arquitetura e, de forma cada vez mais relevante, do setor residencial.

Não por acaso, o próprio espaço que sediou o evento, o edifício Arquipéu, foi apresentado como um exemplo prático do que se discute no palco. Um edifício que materializa conceitos de eficiência, conforto e sustentabilidade, reforçando uma mensagem central: edifícios sustentáveis não são abstrações técnicas, são espaços reais, ocupados, operando e entregando desempenho.

Ao longo da abertura institucional, um dado se repetiu como sinal de maturidade do mercado brasileiro: o Brasil hoje ocupa a quinta

posição mundial em número de empreendimentos registrados no programa de certificação LEED, em um universo de mais de 180 países. São cerca de 74 milhões de metros quadrados certificados ou em processo de certificação, distribuídos em aproximadamente 350 municípios.

Mais importante do que o volume é o desempenho. As médias recentes dos empreendimentos certificados pelo GBC Brasil apontam reduções da ordem de 31% no consumo de energia, 47% no consumo de água e cerca de 94% de desvio de resíduos de aterro. Esses números deixam claro que sustentabilidade, quando bem aplicada, não é retórica: é eficiência mensurável.

Além disso, o avanço de projetos Net Zero Energy, bem como a certificação de hospitais públicos na modalidade de Operação e Manutenção, sinaliza que o movimento deixou de ser restrito ao setor privado de alto padrão e começa a dialogar com políticas públicas e infraestrutura essencial.

Um dos pontos altos do evento foi o reforço do papel das ferramentas técnicas como instrumentos de transformação de mercado. Iniciativas como a CeCarbon e o lançamento da CeHídrica, desenvolvidas pelo SindusCon-SP em parceria com o setor, mostram como métricas claras e ferramentas acessíveis ajudam a traduzir a agenda climática para o cotidiano dos projetos.

Ao oferecer calculadoras gratuitas, o setor reduz barreiras de entrada, democratiza o acesso à informação e cria uma base comum para decisões mais qualificadas. Não se trata apenas de medir impacto, mas de orientar escolhas de projeto, materiais e sistemas com base em dados.

Colaboração como estratégia, não como discurso

Outro aspecto recorrente nas falas institucionais foi a noção de que a transição para uma construção de baixo carbono não se constrói de forma isolada. Indústria de materiais, projetistas, incorporadoras, entidades setoriais, mercado financeiro, academia e poder público

aparecem como peças interdependentes de um mesmo sistema.

A Greenbuilding Brasil funciona, nesse sentido, como um espaço de convergência. Um lugar onde concorrentes comerciais sentam à mesma mesa para discutir padrões, ferramentas e caminhos comuns. Essa lógica colaborativa talvez seja um dos maiores ativos do movimento de green building no Brasil.

Se por um lado o setor técnico avançou de forma consistente, por outro permanece um desafio central: comunicação. Tornar a sustentabilidade compreensível, tangível e relevante para quem vive, trabalha e investe nos edifícios.

A aposta do GBC Brasil em iniciativas voltadas ao setor residencial e à comunicação direta com moradores reflete essa preocupação. Ao falar de conforto térmico, qualidade do ar, iluminação natural e custos de operação, a sustentabilidade deixa de ser um conceito abstrato e passa a dialogar com o cotidiano das pessoas.

Um setor pronto para escalar

A Greenbuilding Brasil 2025 deixou uma mensagem clara: o setor da construção brasileira já reúne as condições técnicas, profissionais e institucionais para avançar em escala. O desafio agora não é provar que funciona, mas criar os incentivos, a linguagem e os mecanismos financeiros que permitam acelerar.

Em um ano marcado pela preparação para a COP30, o evento reforçou que ser ousado na construção não é um gesto simbólico. É uma estratégia concreta para reduzir emissões, proteger pessoas, fortalecer cidades e posicionar o Brasil como referência global em soluções para o ambiente construído.

para saber mais como foi a edição de 2025 do evento, acesse greenbuildingbrasil.org.br









A COP30, realizada em Belém, terminou deixando uma sensação ambígua: ao mesmo tempo um alerta e uma confirmação.

Alerta porque a distância entre a ambição climática e a velocidade da implementação ainda é grande. Confirmação porque ficou evidente que a transição já está em curso, movida não apenas por compromissos políticos, mas por forças econômicas, tecnológicas e sociais que já não podem ser ignoradas.

Com mais de 56 mil participantes, representantes de 193 países e a União Europeia, a COP30 foi uma das maiores da história. O Brasil havia anunciado esta como a COP da “verdade” e da “implementação”, e o tom das negociações deixou claro o tamanho do desafio: alinhar discursos, interesses econômicos e urgência científica em um mundo cada vez mais exposto a eventos climáticos extremos.

Ainda assim, houve avanços relevantes. O chamado Global Mutirão consolidou iniciativas importantes em adaptação, financiamento climático, implementação e justiça social, incluindo, pela primeira vez, o reconhecimento explícito dos direitos de povos indígenas e comunidades afrodescendentes em um acordo da COP. Em um território simbólico como a Amazônia, essa mensagem ganhou peso político e histórico.

Edifícios no centro da transição

Em meio às tensões diplomáticas, uma mensagem se destacou com clareza: a transição energética é inevitável e já está acontecendo. Como ressaltado pela liderança da UNFCCC, fontes renováveis como solar e eólica já são as opções mais baratas em grande parte do mundo. E é justamente nesse contexto que os edifícios emergem como protagonistas.

O ambiente construído define como usamos energia, água e materiais, mas também como nos adaptamos aos impactos do clima. Edifícios moldam padrões de consumo, influenciam cadeias produtivas e determinam o nível de resiliência das cidades. Não por

acaso, os edifícios passaram a ocupar um lugar central tanto nas discussões sobre eficiência energética quanto sobre adaptação e resiliência climática ao longo da COP30.

Esse reconhecimento foi formalizado na Agenda Global de Ação Climática, um marco de cinco anos endossado pela UNFCCC e pela Presidência da COP, que conecta compromissos nacionais a soluções implementadas por governos locais, empresas e sociedade civil. Pela primeira vez, o ambiente construído deixou definitivamente de ser um tema periférico.

Atuação do GBC Brasil no cenário global

A participação do Green Building Council Brasil na COP30 refletiu a maturidade do movimento no país e sua relevância internacional. Em parceria com o WorldGBC, o GBC Brasil teve papel central na construção da agenda pré-COP, culminando na realização da Greenbuilding Brasil 2025, que reuniu mais de 20 mil profissionais e cerca de 100 especialistas internacionais antes das negociações em Belém.

Foi nesse contexto que nasceu o Manifesto das Américas para um Ambiente Construído Sustentável e Resiliente, cocriado no contexto da rede do WorldGBC, com liderança e protagonismo do GBC Brasil na articulação regional, especialmente na mobilização dos atores das Américas e na conexão do documento com as prioridades climáticas do Brasil e da COP30.

O protagonismo brasileiro garantiu que o manifesto não fosse apenas uma declaração de intenções, mas um chamado à implementação, ancorado na realidade dos mercados latino-americanos e alinhado às metas climáticas nacionais.

Do discurso à execução

Como observador oficial do processo da UNFCCC, o WorldGBC levou à COP30 a voz de uma rede global com mais de 85 Green Building Councils e 53 mil membros. Ao longo da conferência,

representantes da rede participaram de 18 eventos oficiais, reforçando uma mensagem consistente: edifícios sustentáveis já são viáveis, escaláveis e financeiramente atraentes.

Iniciativas como o Building the Transition, desenvolvidas em parceria com a GlobalABC, Habitat for Humanity e WRI, foram reconhecidas como Planos Oficiais para Acelerar Soluções dentro da Agenda de Ação da COP. O reconhecimento reforça o papel dos roadmaps nacionais como instrumentos fundamentais para conectar políticas públicas, setor privado e financiamento climático.

O caminho após Belém

Se a COP30 deixou claro que a ambição ainda não acompanha a ciência, também mostrou que o multilateralismo segue vivo e que novas bases foram estabelecidas. O próximo ciclo, que envolve países como Brasil, Turquia e Austrália, exigirá liderança para acelerar o phase-out de combustíveis fósseis, ampliar o financiamento para adaptação e garantir governança e transparência na implementação.

Mais do que nunca, ficou evidente que governos sozinhos não darão conta do desafio. A transformação do ambiente construído dependerá do protagonismo do setor privado, de investidores, projetistas, incorporadores e operadores que já entenderam que sustentabilidade não é custo. É estratégia, resiliência e proteção de valor.

Para o GBC Brasil, a COP30 não foi um ponto de chegada, mas um marco de consolidação. O próximo capítulo será ampliar a escala, aprofundar parcerias e garantir que edifícios sustentáveis estejam no centro das soluções climáticas entre 2026 e 2030.

Porque, se quisermos cumprir as metas globais, ser ousado na construção deixou de ser uma opção para se tornar uma necessidade.



EVENTOS EM 2025

Em 2025, o GBC Brasil esteve presente em mais de 70 eventos, fortalecendo o movimento de green building e ampliando o diálogo sobre sustentabilidade no setor da construção. Com participação estratégica em congressos, feiras e painéis técnicos, seguimos impulsionando a transformação do mercado rumo a um futuro mais eficiente, saudável e resiliente.



Visita Técnica Salma Tower (SP)



Scorecard NDCs (SP)



Aniversário 25 anos do COMASP (SP)



Cerimônia Entrega de Certificação (SP)



Evento de Network (SP)



Helthy indoor (Paraguai)



Cerimônia de Entrega de Placa Hospital Moriah (SP)



Gravação Podcast Negócios Sustentáveis (PR)



Feira do Empreendedor SEBRAE (CE)



Pre-COP: Novas Exigências do Mercado Financeiro (DF)



Leadership Occupancy Forum (SP)



WGBC ARN Meetings (CL)



Cerimônia de Entrega de Placa Hospital da Mulher (SP)



Climate Week (SP)



Sustentabilidade em Foco! (SP)



Rio Construction Summit (RJ)



Healthy Indoor Air: A Global Call to Action (EUA)



XVI Edición ContruVerde (CO)



Workshop Construção Sustentável (RR)



Novas Exigências Financeiras e a Indústria da Construção (SP)

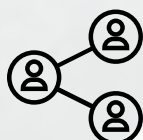


CLUBE DE BENEFÍCIOS

FAÇA PARTE DA REDE DE NETWORKING DO GBC
BRASIL PARA PROFISSIONAIS



Descontos
exclusivos para
os **cursos** do
GBC



Participação
em eventos de
networking



+300 conteúdos
sobre green
buildings

QUEM SOMOS?

Fazemos parte de um movimento internacional presente em 76 países que visa acelerar a transformação da indústria da construção civil em direção à sustentabilidade. Somos a maior e mais influente rede de transformação do ambiente construído.

Através dos esforços coletivos do **Green Building Council Brasil**, mais de 600 empresas membros e parceiros da indústria, o Brasil é um dos destaques deste movimento global.

Hoje, podemos afirmar que “green building” é o melhor modelo de negócio do mercado da construção. Os “green buildings” investem em engenharia e arquitetura, viabilizam o ingresso de inovação e tecnologia, e maximizam eficiência, conforto, ganhos ambientais e benefícios competitivos.

O QUE A SUA EMPRESA ENCONTRARÁ NO GREEN BUILDING?

Visão holística e um ambiente colaborativo onde se permite conciliar harmonicamente, desenvolvimento econômico, redução no uso de recursos naturais, diminuição dos impactos socioambientais negativos e melhora da qualidade de vida e bem-estar.

INTELIGÊNCIA DE MERCADO

Os membros do GBC ganham acesso a inteligência de mercado proporcionam conhecimento aprimorado, para a **tomada das melhores decisões**. Isto inclui acesso à experiência e melhores práticas, eventos, treinamentos e relacionamento com aqueles que estão na vanguarda do movimento.

NEGÓCIOS

Ao se tornar membro do GBC, você conhecerá uma **ampla rede de empresas e profissionais** comprometidos com a sustentabilidade. Isto oferece diversas oportunidades para o **desenvolvimento de novas parcerias**.

CRESCIMENTO DE MERCADO

Os membros do GBC podem contribuir no desenvolvimento de **iniciativas e políticas públicas** para o avanço da construção sustentável a nível local e nacional. Tal envolvimento é crucial para o crescimento dos projetos e negócios pautados nas práticas de construções sustentáveis.

DEMONSTRE SUA LIDERANÇA

Membros do GBC evidenciam o propósito de sua empresa em consonância com as práticas e princípios inerentes ao movimento de green buildings e **fortalecem sua marca**.

ALINHAMENTO COM O ACORDO DE PARIS

Como membro do GBC, você apoiará iniciativas alinhadas com os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e o Acordo do Clima**.

MEMBRO GBC: UMA COMUNIDADE QUE SUSTENTA A TRANSFORMAÇÃO

Mais do que um número em uma planilha, os membros do GBC Brasil representam a base ativa de um movimento que vem transformando, de forma consistente, o ambiente construído no país.

Em um setor historicamente fragmentado, a comunidade GBC cumpre um papel raro: criar espaço para diálogo técnico qualificado entre empresas, profissionais e instituições que, muitas vezes, são concorrentes no mercado, mas que compartilham uma visão comum sobre a necessidade de elevar o padrão da construção no Brasil.

Ao longo de 2025, esse papel ficou ainda mais evidente. Em um ano marcado por desafios econômicos, reacomodações de mercado e maior seletividade nas decisões de investimento, o valor da associação ao GBC deixou de estar ligado apenas à ampliação de rede e passou a se concentrar, cada vez mais, em profundidade técnica, inteligência setorial e capacidade de articulação. Ser membro do GBC é, hoje, participar de um ecossistema que ajuda a interpretar tendências, traduzir complexidade e antecipar movimentos.

Os membros do GBC Brasil atuam em toda a cadeia da construção: indústria de materiais, escritórios de arquitetura e engenharia, incorporadoras, construtoras, operadores, consultorias, setor público e organizações da sociedade civil. Essa diversidade não é acessória; ela é estrutural. É justamente a partir dessa multiplicidade de olhares que surgem soluções mais integradas, projetos mais consistentes e decisões mais bem informadas ao longo do ciclo de vida dos empreendimentos.

Em 2025, esse engajamento se materializou de diversas formas.

Membros estiveram diretamente envolvidos no desenvolvimento e aprimoramento de ferramentas técnicas, na construção de agendas temáticas, na participação ativa em comitês, grupos de trabalho e eventos setoriais, além de contribuírem para debates estratégicos que conectam sustentabilidade, desempenho e valor econômico. Em muitos casos, o impacto desse trabalho não aparece imediatamente em números, mas se reflete na qualidade das discussões, na maturidade dos projetos e na evolução do mercado como um todo.

É natural que, à medida que o movimento amadurece, o perfil do engajamento também mude. A construção sustentável deixou de ser novidade e passou a ser critério. Nesse contexto, a decisão de se associar ao GBC tende a ser mais consciente, estratégica e alinhada a objetivos de médio e longo prazo. Menos impulsionada por tendência, mais orientada por propósito e coerência institucional.

Os membros que permanecem e se engajam ativamente são, em grande medida, aqueles que entendem a sustentabilidade não como um diferencial pontual, mas como parte central de sua estratégia. São organizações que reconhecem que desempenho ambiental, eficiência operacional, conforto, resiliência e transparência são fatores indissociáveis da competitividade futura. E que sabem que esse caminho se constrói coletivamente.

Nesse sentido, o GBC Brasil atua como plataforma. Uma plataforma que conecta, organiza, traduz e dá escala a iniciativas que, isoladamente, teriam alcance limitado. Ao reunir diferentes atores em torno de referências técnicas comuns, métricas verificáveis e uma visão compartilhada de futuro, o GBC ajuda a reduzir ruídos, alinhar expectativas e acelerar a curva de aprendizado do setor.

Outro aspecto que ganhou relevância em 2025 foi a compreensão, por parte dos membros, de que o GBC não é apenas um espaço de adesão, mas de permanência. Permanecer associado ao GBC significa acompanhar a evolução técnica do setor, participar de uma construção coletiva de referências e contribuir ativamente para a consolidação de práticas que tendem a se tornar padrão. Em um mercado que começa a diferenciar discurso de desempenho comprovado, essa continuidade passa a ter valor estratégico.

Ao invés de uma lógica baseada em volume, o GBC Brasil vem consolidando uma comunidade mais coesa, com membros que reconhecem o papel da organização como mediadora entre diferentes interesses e escalas. Do projeto individual às agendas nacionais e internacionais.

Essa posição permite ao GBC traduzir demandas globais para o contexto brasileiro, ao mesmo tempo em que leva a experiência local para fóruns mais amplos, fortalecendo a atuação do país no debate sobre construções sustentáveis.

Mais do que crescer em quantidade, o desafio (e a oportunidade) está em aprofundar relações, fortalecer parcerias e ampliar o impacto real da atuação dos membros. Em um cenário em que medir, comprovar e gerir riscos se tornam cada vez mais centrais, a comunidade GBC segue sendo um espaço de construção coletiva de conhecimento, confiança e transformação.

Porque, no fim, são as pessoas e organizações engajadas que sustentam qualquer movimento de mudança. E é a partir delas que a construção sustentável deixa de ser exceção e passa a se consolidar como prática.

Jabuticaba | estúdio de arquitetura

A Pérola
dos
Tapetes

ROCA
TINTAS

BOUTIQUE
DELLA
rocca



EMBŲĂ


Esquina do Futuro
ELETROPOSTO MULTI-SERVIÇOS


cepesan

 **KOPRON**

LIV
ECOTINHABITATS


GRUPO
bear

 **GARBE**

ESTRELA ARQ

inia SOLUÇÕES
SUSTENTÁVEIS

Desjoyaux
PISCINAS


CHRISTEYNS


CIPLAN
CIMENTO

BAMBOOECO

 **amplia**
síndicos


PRATEZI & CHIONPATO
ENGENHARIA E SUSTENTABILIDADE


CRISTAL POOL

 **LUX**

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS

 **TECH NA
OBRA**
Profissionais Inovadores

 **Caçambas
D'ALDEIA**

 **Vains**
ENGENHARIA

Adicionalmente:

Isoall Acústica LTDA, Deltatech Brasil, DXMF Demolições LTDA.

O MERCADO ESTÁ A
PROCURA DOS SEUS
SERVIÇOS, PRODUTOS
E EMPREENDIMENTOS
COM FOCO EM
**EFICIÊNCIA,
CONFORTO E
SUSTENTABILIDADE**





PORQUE PARTICIPAR?

O Brasil está entre os 5 primeiros no ranking de 186 países com o maior número de empreendimentos na certificação internacional LEED.

São mais de 85 milhões de m² investindo em green building.

Somos um movimento e não uma certificadora. A influência do movimento é imensurável. Soluções e experiências provocadas pelos protocolos de certificações, treinamentos, eventos e networking avançam em obras diversas por todo o país.

Milhares de profissionais e empresas são capacitados e estão envolvidos no GBC Brasil.

Avançam os incentivos financeiros, como a linha plano empresário do Banco Santander, incentivos tributários e administrativos, como aqueles aprovados em Salvador e Porto Alegre.

Há uma forte rede colaborativa formada entre associações, ONGs, academia, iniciativa pública e privada e veículos de comunicação. Todos com uma robusta agenda em matéria de green building. E nós estamos próximos de consolidar laços com a sociedade civil, que demandará os benefícios das edificações green building.

Juntos iremos acelerar exponencialmente a transformação deste mercado

VALORIZAMOS O SEU TEMPO

Preparamos sua equipe e suas soluções para estarem à serviço de um propósito coletivo

As diretrizes das certificações discutidas e desenvolvidas pelo GBC auxiliam na definição de estratégias e no posicionamento de sua empresa.

Cortesia a treinamentos. Conteúdo técnico multidisciplinar. Diversos cases de sucesso.

Networking com as lideranças do setor

DESMISTIFICAMOS SUSTENTABILIDADE

ECONOMIA

Os benefícios são para os diversos stakeholders, poder público, incorporadores, construtores, escritórios profissionais, indústria de soluções e consumidores. Considerando o ciclo de vida de uma edificação, 50 anos, apenas 15% do custo é construção, e 85% custo de operação e manutenção. Os green buildings podem reduzir os custos de operação, ao ponto das suas unidades residenciais, economizarem, em 50 anos, o equivalente ao custo de um novo apartamento. Um exemplo é o Edifício Idea Bagé, by Capitânia de Porto Alegre, certificado GBC Condomínio Platina, onde a redução anual, por conta das eficiências, economizará R\$10 mil por apartamento.

Aumento da velocidade de ocupação, melhora na retenção, valorização de m², melhor qualidade técnica da edificação, ou seja, diferencial competitivo.

Em algumas situações, descontos de taxas e tributos e vantagens em produtos financeiros.

Contribui no processo de controle da qualidade, indicadores e força rotinas. Informações precisas para melhores projetos e planejamento. Melhor contratação. Melhor gestão. Melhor produto e melhores vendas.

SOCIEDADE

Melhora nas condições de conforto, saúde e bem-estar valorizando as relações humanas que ocorrem nos espaços construídos; diminuição no tempo de recuperação de pacientes, melhor aproveitamento de alunos em escolas, entre outros. Melhor controle de poluição em canteiros de obra; contribui na restauração e preservação do habitat natural, na descontaminação de áreas, na exploração de espaços abertos de convívio público, priorização do pedestre, estímulo a transporte de baixa emissão, contribuição no retardamento do efeito enchente, redução do efeito ilha de calor nas cidades, fomento a inovação e tecnologia, criação de novos empregos com capacitação, entre outros.

MEIO AMBIENTE

Na média, o potencial de redução do consumo de água nas edificações têm sido 50%; em relação à energia, 25% comparado as normas técnicas de eficiência energética; 85% dos resíduos gerados na obra estão sendo desviados de aterros sanitários, há a priorização de materiais com declaração ambiental de produto, e em alguns casos no Brasil, já podemos citar exemplos de edificações "Zero Energia", que geram 100% de energia renovável para operar, ou no caso do "Zero Água" com tecnologias de reaproveitamento, reuso e devolução da mesma quantia usada de água limpa ao lençol freático.

BENEFÍCIOS TÉCNICOS



Descontos nas taxas das certificações do GBC Brasil



Inscrição cortesia em cursos de capacitação profissional



Participação em comitês técnicos que definem as certificações



Desconto em cursos de capacitação profissional



Acesso à plataforma com +400 conteúdos sobre Green Building



Palestra institucional Green Buildings no Brasil



Uso de logo em material de divulgação



Perfil de membro no site do GBC Brasil



Publicação de artigos no site do GBC Brasil



Participação em eventos de networking



Desconto em eventos do GBC Brasil



Desconto em eventos apoiados pelo GBC Brasil

BENEFÍCIOS DE MARCA

EMPRESAS QUE JÁ FAZEM PARTE

aflalo/gasperini arquitetos



athie|wohnrath



Brookfield
Properties

CBRE



DAIKIN



eternit®



Global Affairs
Canada



GOODSTORAGE
espacos inteligentes



HERSIL

Hines



SAMSUNG



QUAL SEU LEGADO?

